

Diversão & Arte

ENTREVISTA // BILLY GIBBONS

Como foi o processo de fazer este novo álbum? Como a banda trabalhou para dar esta atmosfera de improvisação para o disco?

Nosso diretor no *That little Ol' band from Texas*, San Dunn, inicialmente pediu para nós simplesmente ficarmos de pé em um local parecido com os nossos antigos cafos. Gruene Hall, no Texas, a pista de dança mais antiga do estado, se tornou nosso pano de fundo. Enquanto as câmeras estavam sendo organizadas, os engenheiros ligaram os gravadores e nós pegamos a guitarra e acompanhamos a batida que tocava ao fundo. Bem pouco depois, nós percebemos que aquela improvisação fez um álbum que, não só serviu como trilha sonora para o filme, como também soou grandiosamente como uma crônica de um dia especial.

O que vocês acreditam que o álbum traz de frescor? O que há de novo nele?

O que é novo também é velho: a ideia de gravar no estilo de uma época antiga trouxe uma espontaneidade para os procedimentos que realmente brilha.

Esse é o primeiro lançamento sem o grande Dusty Hill. Como é organizar a banda sem ele? Que falta ele faz?

Ele está no álbum — e no filme. Antes de morrer, ele nos apressou para que continuássemos fazendo as coisas andarem, assumindo que iria se recuperar a tempo. Sob o aviso que, se necessário, nosso técnico de guitarra de longa data, Elwood Francis, assumiria a sua guitarra. Nós sentimos falta da amizade, do humor e da presença alegre, mesmo tudo isso ainda estando vivo conosco.

Qual legado Dusty Hill deixou para a música?

Ele era intensamente percussivo e um baixista lírico, um músico intuitivo com habilidades expressivas que eram raras e valiosas.

Ainda sobre legado, ZZ Top é uma banda lendária que marcou gerações. Como vocês veem a trajetória como banda durante todo esse longo período? Como se gerenciam para conversar com novos públicos e se manter relevante durante tanto tempo?

Nós mantemos o objetivo de interpretar o blues como a base, a fundação, onde criamos o nosso monumento sônico. Por óbvio, nós permanecemos com a cabeça aberta para as novas tecnologias, com a vontade de experimentar e fazer coisas com ar de novidade. O que, em efeito, retorna de alguma forma para a maravilhosa forma de arte que é o blues estadunidense. Nós sempre falamos: “você não consegue perder com o blues” e isso mostrou ser verdade por mais de cinco décadas.

Não posso deixar de perguntar sobre o Brasil. Qual a sua relação com os fãs brasileiros?

É longa e duradoura. Meu amor, Miz Gilligan, fala português. Então, há uma ligação especial criada imediatamente.

Quais são os planos futuros? Eles envolvem alguma turnê? O Brasil está no mapa de vocês?

Nós estamos em turnê nos Estados Unidos, depois de ter passado pelo Canadá. É questão de tempo para chegarmos na Europa, Ásia e, é claro, América do Sul. Vamos nos manter juntos.



Formação original do ZZ Top: a banda é uma referência para os roqueiros

TEXANOS ELÉTRICOS

Billy Gibbons, vocalista e guitarrista do ZZ Top, fala sobre o álbum *RAW*, último lançamento da banda com o baixista Dusty Hill

» PEDRO IBARRA

Uma das mais lendárias bandas de rock com pegada de blues de todos os tempos, ZZ Top marcou gerações roqueiras e é base de estudo para músicos em todo o mundo. Relevante há mais de 50 anos, a banda apresentou em julho deste ano um novo trabalho, o disco ao vivo *RAW*, que serve de trilha sonora para o documentário sobre o próprio grupo, *That little Ol' band from Texas*.

O álbum começou de uma ideia de jam, encontro entre os músicos para sessões de improvisação nos instrumentos. Eles foram para um bar no Texas, muito semelhante às casas onde deram os primeiros passos da carreira. Juntos, Billy Gibbons (vocal e guitarra), Dusty Hill (vocal e baixo) e Frank Beard (bateria) tiveram um momento de viver a própria música e reviver o passado, chegando ao resultado

que pode ser ouvido em *RAW* e em cenas do novo documentário, lançado em 2019 e disponível na Netflix internacional.

Porém, o disco ganhou um gosto especial e agrídoce. Pouco depois do processo de gravação, já em turnê, Dusty Hill morreu. Ele cuidava de questões de saúde, principalmente problemas no quadril. Um dos pedidos dele foi que o “show continuasse” e, por isso, a banda já rodou os Estados Unidos e o Canadá e, agora, já se prepara para mais. O amigo e companheiro de estrada continua no coração dos remanescentes. “Nós sentimos falta da amizade, do humor e da presença alegre, mesmo tudo isso ainda estando vivo conosco”, conta Gibbons.

Iniciado por três amigos barbudos no fim dos anos 1960 em Houston, o ZZ Top foi uma

das cabeças do movimento do blues rock nos Estados Unidos. Com um visual distinto, barbas longas e óculos escuros, eles fazem uma música com letras divertidas e um instrumental muito apurado, principalmente no que diz respeito à guitarra, central nas músicas da banda. ZZ Top vendeu mais de 50 milhões de discos durante os mais de 50 anos de carreira, tendo bons resultados nas paradas norte-americanas e sendo admitidos para o Hall da Fama do Rock n' Roll em 2004. Toda essa trajetória é revivida em *RAW*, que conta com alguns dos maiores sucessos da carreira da banda em nova roupagem.

Ao *Correio*, o guitarrista e vocalista lembrou do processo do disco e do amigo que perderam pelo caminho, tocando na influência que a banda tem e sobre os planos futuros. Ele adianta, que a América do Sul está nos planos.